

Xetás no Paraná

Índios da Serra dos Dourados vivem hoje a sua pré-história

CEDI - P. I. B.
 DATA 27 09 88
 COD. XT.D 00009

Luiz Fernando RUDGE

CONSIDERADOS extintos durante muito tempo, os xetás — índios nomades, que se entendem através de 500 ou 600 palavras de um idioma inédito e vivem atualmente na Serra dos Dourados (oroeste do Paraná) — são hoje pouco mais de duzentos e poderão não existir mais dentro de pouco tempo, se o governo, através do Serviço de Proteção aos Índios, não tomar as medidas necessárias à sua preservação.

A única instituição a preocupar-se com a tribo, após a constatação da sua existência, é a Seção de Antropologia do Instituto de Pesquisas da Universidade do Paraná, dirigida pelo etnólogo José Loureiro Fernandes. Essa equipe estuda os xetás há mais de seis anos.

Os resultados destas pesquisas foram revelados no Recife, em 1958, na III Reunião Brasileira de Antropologia; entretanto, até hoje os xetás continuam a andar de tanga (as mulheres nem isso), a morrer doentes e sem assistência, a evitar o branco e a caçar animais a pauladas. Vivem, em pleno século XX, a sua pré-história.

A geada denuncia

Desde o começo do século, um punhado de informações — de valor discutível — denunciava a existência de grupos esparsos desses indige-

nas. Todavia, nenhum etnólogo podia assegurar a sua existência, e os dados da época não chegaram a estimular qualquer pesquisa.

Em 1955, o professor Loureiro soube da tomada de



XEFA' MATERNAL — A índia xetá vive completamente nua. Esta fazia parte do primeiro grupo que entrou em contato com o SPI.

contatos esporádicos da tribo com postos avançados da civilização. Esses contatos seriam devidos às fortes geadas que assolaram o norte do Paraná naquele ano, dizimando as colheitas e matando as plantas silvestres (base da alimentação dos indígenas), impelindo-os a procurar recursos entre os brancos.

Temperamento arredio

Dai surgiram as pesquisas e os primeiros contatos. O temperamento dos xetás, todavia, é tão arredio que somente 10% da tribo aceitou em comparecer aos postos do SPI. Isso dificultou bastante os trabalhos da 7.ª Ins-

CRONOLOGIA

1949 — Colonos japoneses são instalados na Serra dos Dourados, e correm rumores da existência de índios hostis de origem e idioma desconhecidos.

1952 — Um indígena de cerca de 10 anos é encontrado. Examinado pelo SPI, demonstra vivacidade e inteligência. Educado pela família de Deocleciano de Sousa, acabou tornando-se valioso como interprete da equipe do prof. Loureiro.

1955 — Assolados pelas grandes geadas, pequenos grupos de índios entram em contato com colonos do município de Cruzeiro d'Oeste.

1956-58 — Quatro expedições são mandadas à Serra dos Dourados. Coagem-se dados, transmitidos depois, durante a Reunião de Antropologia do Recife.

1961 — Publicam-se os dados referentes aos xetás.
 1962 — ?

petoria do Serviço, que é a encarregada do setor onde os índios levam a sua vida errante.

No posto do SPI, receberam roupas, cortaram os cabelos, deixaram-se filmar. Conversaram (pouco) sem saber que sua conversa tinha sido gravada — e se soubessem, não entenderiam. Logo que puderam, retornaram ao acampamento — provisório e rustico, como tudo que possuem — recetando a longa viagem sem destino, em busca de paragens mais propícias à sua sobrevivência.

A VIDA DOS XETÁS

● **Alimentação** — Caça, pesca e produtos vegetais, larvas e mel. Suas flechas não penetram no couro de animais de porte, que são presos em armadilhas e mortos a pauladas. Bebem erva-mate macerada em água fria ("cucuai"). Comem larvas de abelhas "a frio" e outras assadas no fogo.

● **Vestuario** — Compõe-se de uma única peça — a tanga. As mulheres andam inteiramente nuas. Como adorno, os homens deformam a boca, colocando uma peça em forma de T, feita de madeira, sob o lábio inferior.

● **Habituação** — Não têm pouso certo. Há uma hipótese de que teriam emigrado do Mato Grosso. Atualmente, erram pela margem esquerda do rio Paraná, principalmente na Serra dos Dourados, terra ainda pouco explorada e que somente agora começa a ser habitada pelo homem branco. As cidades da região são o esconderijo natural de marginais, pelo seu isolamento.

● **Equipamento** — A totalidade dos utensílios da tribo — extremamente rudimentares — é feita de madeira, pedra, osso e dentes. Suas armas são o arco e a flecha e a clava de caça, que abate os animais de couro mais duro (antás, onças etc). Têm conhecimentos rudimentares de música e tocam um instrumento que parece uma antiquíssima flauta de Pã.

● **Idioma** — Os xetás falam um idioma desconhecido dos entendidos em línguas. Sabe-se que não pertence ao ramo tupi-guarani nem ao guaiaki (que também é inédito). Algumas palavras do vocabulário xetá: kanome (homem), kofia (mulher), nhang (alma), tagua (flauta), auera (arvore).



PEDRA E' ARMA — De pedra lascada são as armas do índio xetá. Como adorno usa uma peça em forma de T na boca, o que lhe deforma o lábio inferior.